

Greves inviabilizam o calendário

Mal começa o ano letivo e o Sindicato dos Professores (Sinpro) já prepara uma nota informativa para ser distribuída aos alunos da Fundação Educacional (FEDF) amanhã e terça-feira, comunicando que a categoria participará da greve nacional dos trabalhadores, marcada para 14 e 15 de março. O motivo da paralisação é o repúdio ao Plano Verão.

Segundo a presidenta do Sinpro, Lúcia Carvalho, a greve geral poderá não ser a única do ano, caso a política econômica do Governo continue na linha atual. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Educação (CNPE) começa a definir na primeira quinzena de março pauta de reivindicações para uma campanha salarial isolada, que deve ser realizada em abril.

Nos últimos anos, lembra Lúcia, o movimento da categoria tem se confundido muito com lutas por melhorias salariais: "Estamos sempre correndo

atrás de um prejuízo". Mas ela defende que outros pontos relevantes também sejam discutidos antes da deflagração de qualquer greve. "As duas paralisações do ano passado mostraram isso. Além de uma pauta de reivindicações salariais, pleiteamos melhorias nas condições de trabalho, assim como mudanças em alguns itens do sistema pedagógico", contou.

ELEIÇÕES

Uma outra bandeira de luta do Sinpro refere-se às eleições presidenciais de novembro próximo. "Como professores temos responsabilidade de traçar perfis de candidatos junto à comunidade", afirma Lúcia. Ela lembra que isso não representa a defesa de determinado partido ou candidato, mas sim uma tentativa de detectar os discursos "demagógicos e os verdadeiros".

Avaliando a atuação da categoria no ano passado, o Sinpro

enxerga saldo positivo nas duas greves. "Apesar de considerarmos nossos salários ainda defasados, conseguimos mantê-lo entre os mais altos do País", comenta a presidenta da entidade. Em relação aos vícios e problemas da rotina de trabalho na FEDF, os sindicalistas indicam que praticamente não houve avanços.

A presidenta do Sinpro participou, em outubro passado, do grupo de trabalho instituído pelo governador Joaquim Roriz para levantar as principais careências da Educação. Ela lembra que, em dezembro, todos os problemas da FEDF — rede física ao quadro deficitário de pessoal — foram constatados de perto pelo GDF, através da Semana da Educação: "Mas pouca coisa mudou".

"Quem não ouviu falar da implantação do Batalhão Escolar como forma eficaz de conter a onda de violência nas escolas da cidade?", questiona, observando que a idéia não saiu do papel.